

# ARQUIVO OFICIAL DA TEORIA DO G1, G2 & G3

NÃO EDITE ESTA PÁGINA, ORGANIZE SUAS PESQUISAS A PARTIR DA PRÓXIMA

**\*ANTES DE ADICIONAR SEU ITEM DE PESQUISA COMPLETE O ÍNDICE\*  
LEMBREM-SE DA FONTE DAS COISAS QUE VOCÊS PESQUISARAM**

1. ITENS A SEREM CONSIDERADOS COMO PARTIDO TEÓRICO
2. MANIFESTO
  - a. PRIMEIRA VERSÃO
  - b. SEGUNDA VERSÃO (VALORES)
3. FICHAMENTOS
  - a. Tim Ingold - The Perception of the Environment - CAP 10 (Guilherme)
  - b. Ailton Krenak - Ideias para adiar o fim do mundo (Nina A.)
  - c. Eduardo Viveiros de Castro - Desenvolvimento econômico e reenvolvimento cosmopolítico da necessidade extensiva a suficiência (Luísa)
  - d. Marisol de la Cadena - Natureza incomum, histórias do antrope-cego (Beatriz)
  - e. Bruno Latour - We don't live on the same planet - a fictional planetarium (Beatriz)

## FICHAMENTOS

f. Tim Ingold - The Perception of the Environment (Guilherme)

Chapter Ten - P. 174-188

*Building, dwelling, living: How animals and people make themselves at home in the world*

**primeira meta:** compreender as relações entre as pessoas e seus ambientes.

"[...] De fato, se uma das principais conclusões do que tenho a dizer é que os chamados "fins" ou "objetivos" são mas marcos em uma jornada, isso deve se aplicar tanto ao meu próprio pensamento e escrevendo sobre tudo o mais que as pessoas fazem no mundo. A coisa mais fundamental sobre a vida é que ela não começa aqui ou termina aí, mas está sempre acontecendo. E para o mesma razão, como vimos no Capítulo Um (p. 20), os ambientes nunca estão completos, mas estão continuamente em construção." P.172

"[...] Comecei com uma visão que era - e de fato ainda é - bastante convencional na antropologia, que parte da premissa de que os seres humanos habitam mundos discursivos de significado culturalmente construído, dispostos sobre o substrato de um terreno físico contínuo e indiferenciado. [...] Eu tinha certeza de que os modelos desenvolvidos por ecologistas e biólogos evolutivos para explicar as relações entre os organismos e seus ambientes devem ser aplicados também aos humanos, como em qualquer outra espécie, também ficou claro para mim que esses modelos não deixaram espaço para o que parecia ser a característica mais marcante da atividade humana - que ela é intencionalmente motivada. Argumentei que as intenções humanas são constituídas no intersubjetivo domínio, das relações entre as pessoas, tão distinto do domínio no qual os seres humanos, como organismos biológicos, se relacionam com outros componentes do ambiente natural. Propus, portanto, que a vida humana seja conduzida simultaneamente em dois domínios - um domínio das relações interpessoais e um domínio ecológico das relações interorganismos - de modo que o problema é entender a interação entre elas (Ingold 1986a: 9)." P.172

"Partindo de duas proposições bastante razoáveis - que os seres humanos são organismos, e que a ação humana é intencionalmente motivada - acabei com o que parecia ser um resultado completamente irracional: que, diferentemente de todos os outros animais, os seres humanos viver uma existência em dois níveis, metade na natureza, metade fora; meio organismo, meia pessoa; meio corpo, meia mente." P.172

"[...] Embora agora não possa explorar em detalhes os pontos comuns, quero destacar apenas dois deles que são bastante centrais para o que terei a dizer. Primeiro, todas as três abordagens invertem a ordem normal de prioridade - normal, isto é, na história do pensamento ocidental - da forma sobre o processo. A vida, nessa perspectiva, não é a revelação da forma preexistente, mas o próprio processo em que a forma é gerada e mantida no lugar. Em segundo lugar, as três abordagens adotam como ponto de partida comum o agente em seu ambiente, ou o que a fenomenologia chama de 'estar no mundo', em oposição ao indivíduo independente que enfrenta um mundo 'lá fora'. Em resumo, eles sustentam que é através da habitação, e não através da assimilação de uma especificação formal de projeto, que o mundo se torna um ambiente significativo para as pessoas." P. 173  
"[...] "Man", Clifford Geertz declarou: "é um animal suspenso em teias de importância que ele próprio criou" (1973:5)" P.174

“Embora possa ser dito, com Nelson Goodman (1978), que os seres humanos são criadores de mundos, isso apenas levanta a questão de como os atos humanos de criação de mundo diferem dos processos pelos quais animais não humanos moldam seus ambientes. Foi essa questão que inicialmente me levou a focar no significado do ambiente construído: não, ou seja, no que significa um ambiente construído, mas no que significa dizer que um ambiente é construído. Como podemos distinguir um ambiente que é construído de um que não é? Está tudo muito bem em definir o ambiente construído, como Denise Lawrence e Setha Low em uma revisão recente, para incluir 'qualquer alteração física do ambiente natural, de lares a cidades, através da construção por seres humanos' (1990: 454). Mas por que os produtos da atividade de construção humana seriam diferentes, em princípio, das construções de outros animais? Ou, para formular a mesma pergunta de outra maneira, com que direito convencionalmente identificamos o artificial com o "feito pelo homem"? E onde, em um ambiente que carrega a marca da atividade humana, podemos traçar a linha entre o que é, e não é, uma casa, um prédio ou uma instância da arquitetura (Pearson e Richards 1994: 2)?” P. 174

“Os seres humanos, por outro lado, são os autores de seus próprios projetos, construídos através de um processo de decisão autoconsciente - uma seleção intencional de idéias. Como Joseph Rykwert colocou: 'diferentemente da construção animal mais elaborada, a construção humana envolve decisão e escolha, sempre e inevitavelmente; portanto, envolve um projeto' (1991: 56). É a esse projeto, afirmo, que nos referimos quando dizemos que a casa é feita, e não meramente construída. Cheguei ao ponto de estender o argumento ao domínio da fabricação de ferramentas, criticando os alunos do comportamento animal por suporem que, onde quer que os objetos sejam manifestamente modificados ou construídos para uso futuro, ferramentas estão sendo feitas. Afirmo que eles só estão sendo feitos quando são construídos na imaginação antes de serem realizados no material (Ingold 1986a: 40-78). Mas se a essência de fazer reside na autoria autoconsciente do design, ou seja, na construção de um projeto, segue-se que as coisas podem ser feitas sem sofrer nenhuma alteração física real. Suponha que você precise bater em um prego, mas não tem um martelo. Olhando ao redor dos objetos em seu ambiente, você seleciona deliberadamente algo mais adequado ao seu objetivo: ele deve ser duro, ter uma superfície plana e plana, encaixar na mão e assim por diante. Então você pega uma pedra apropriada. Nessa mesma seleção, a pedra "se tornou" um martelo, pois, em sua mente, uma "qualidade de martelo" foi anexada a ela. Sem alterar a pedra de nenhuma maneira, você fez dela um martelo. Da mesma maneira, uma caverna pode servir como habitação, um pedaço de terra plana e nua como pista de pouso ou uma baía protegida como Porto.” P. 175

“Para lidar com situações desse tipo, escolhi o termo cooptação. Assim, a pedra foi cooptada, em vez de construída, para se tornar um martelo. Daqui resulta que existem dois tipos de tomada: cooptiva e construtiva. Na criação cooptiva, um objeto já existente é ajustado a uma imagem conceitual de um uso futuro pretendido, na mente de um usuário. Na fabricação construtiva, esse procedimento é revertido, na medida em que o objeto é fisicamente remodelado para se adaptar mais à imagem pré-existente. De fato, parecia que a história das coisas - de artefatos, arquitetura e paisagens - podia ser entendida em termos de etapas sucessivas e alternadas de cooptação e construção. Pressionamos em serviço o que encontramos ao nosso redor para atender aos nossos propósitos atuais, continuamos a modificar essas coisas para nosso próprio design, para que elas sirvam melhor a esses propósitos, mas, ao mesmo tempo, nossos objetivos - ou requisitos adaptativos - também

mudam para que o objetos modificados são posteriormente cooptados para outros projetos para os quais eles são considerados úteis, e assim por diante. Exatamente o mesmo modelo foi aplicado para explicar a evolução dos organismos - o próprio Darwin o usou em seu livro sobre orquídeas (1862: 348). Para adotar termos sugeridos por Stephen J. Gould e Elisabeth Vrba (1982), estruturas adaptadas para um propósito pode ser trocado por outro, subseqüentemente passando por uma adaptação adicional, apenas para ser trocado por outro propósito. . . A diferença é apenas que, no caso da evolução orgânica, a seleção envolvida é natural e não intencional (Ingold 1986b: 200-2)." P.175-176

"[...] Os seres humanos não constroem o mundo de uma certa maneira em virtude do que são, mas em virtude de suas próprias concepções das possibilidades de ser. E essas possibilidades são limitados apenas pelo poder da imaginação." P.177

"[...] Enquanto o animal não humano percebe esses objetos como imediatamente disponíveis para uso, para os seres humanos eles aparecem inicialmente como fenômenos ocorrentes nos quais os usos potenciais devem ser afixados, antes de qualquer tentativa de engajamento." P.177

"[...] Aqui está, então, a essência da perspectiva da construção: que os mundos são feitos antes de serem vividos; ou em outras palavras, que atos de habitação são precedidos por atos de criação do mundo. [...] Para outro exemplo, eu gostaria de voltar para A domesticação da espécie humana de Peter Wilson (1988). Neste livro, Wilson argumenta que o ponto de virada mais significativo na evolução social humana ocorreu no momento em que as pessoas começaram a viver em casas. Grosso modo, isso marca uma divisão entre caçadores e coletores, por um lado, e agricultores e moradores urbanos, por outro. "Os caçadores de coletores", escreve Wilson, "criam para si mesmos o contexto arquitetônico mais frágil e apenas a linha mais fraca divide seu espaço da natureza". Todas as outras sociedades, por outro lado, 'vivem em um ambiente arquitetonicamente modificado', habitando casas e vilas de um tipo relativamente duradouro, estruturas que - mesmo quando abandonadas - deixam uma impressão quase indelével na paisagem. Em essência, Wilson está distinguindo entre sociedades com arquitetura e sociedades sem ela." P.179

"[...] Assim, a atividade de construção é parte integrante da vida em um ambiente que já é dado na natureza e que não foi artificialmente projetado. Com a arquitetura da vila, por outro lado, a natureza foi até certo ponto coberta ou transformada, de modo que o que imediatamente confronta as pessoas não é um ambiente natural, mas - nas palavras de Wilson - "um ambiente de sua própria criação, o cultural" (1988: 8). ) Se os caçadores-coletores constroem como parte de sua adaptação às condições do ambiente natural, os moradores se adaptam às condições de um ambiente que já foi construído. De qualquer maneira, o ambiente é dado antecipadamente, como uma espécie de recipiente para a vida ocupar. Onde, como entre os caçadores-coletores, a construção faz parte da vida cotidiana, não deve ter nenhum impacto duradouro no meio ambiente; onde, como entre os moradores, o ambiente foi manifestamente construído, os edifícios são aparentemente construídos antes que a vida comece neles. Essa, é claro, é a perspectiva do arquiteto: primeiro planeje e construa as casas, depois importe as pessoas para ocupá-las." P.180

“[...] Para esse propósito, recorro ao ensaio sugestivo de Martin Heidegger, 'Building Dwelling Thinking', sobre o qual chamei para o meu título (Heidegger 1971: 145-61). Neste ensaio, Heidegger pergunta o que significa construir e habitar, e qual a relação entre esses dois - entre construir e habitar. Ele começa com o que pode ser tomado como a visão hegemônica, consagrada no discurso da modernidade ocidental. É que a construção e a habitação são atividades separáveis, mas complementares, relacionadas como meios para fins. Construimos casas para que possamos morar nelas (ou, como é habitual na sociedade industrial, algumas pessoas constroem casas para outras pessoas viverem). Habitar, nesse sentido, significa meramente 'ocupar uma casa, uma morada'. O edifício é um contêiner para atividades da vida, ou mais estritamente para certas atividades da vida, uma vez que existem outros tipos de atividades que acontecem fora das casas ou ao ar livre. No entanto, Heidegger pergunta: 'as casas em si têm alguma garantia de que a habitação ocorra nelas?' (1971: 146). Para esclarecer as coisas, vamos chamar a estrutura física, o edifício em si, a casa; e o cenário em que as pessoas habitam o lar (Lawrence 1987). A pergunta de Heidegger pode então ser reformulada da seguinte forma: o que é preciso para uma casa ser uma casa (Pearson e Richards 1994: 6)? Apenas colocar a questão dessa forma sugere que deve haver mais na habitação do que o mero fato de ocupação. O que significa, então, 'habitar'?” P.185

“[...] Em suma, onde antes, o prédio era circunscrito dentro da habitação, a posição agora aparece invertida, com a habitação circunscrita dentro do prédio.” P.185

“Não habitamos porque construimos, mas construimos e construimos porque habitamos, isso é porque somos moradores [habitantes]... Construir já é por si só habitar... Somente se formos capazes de habitar, somente então poderemos construir '(Heidegger 1971: 148, 146, 160, ênfases originais). Entendo que essa seja a afirmação fundamental da perspectiva da habitação. O que isso significa é que as formas que as pessoas constroem, seja na imaginação ou no terreno, surgem dentro da corrente de sua atividade envolvida, nos contextos relacionais específicos de seu envolvimento prático com o ambiente. A construção, portanto, não pode ser entendida como um processo simples de transcrição, de um projeto preexistente do produto final em um substrato de matéria-prima.[...] Em suma, as pessoas não importam suas idéias, planos ou representações mentais para o mundo, já que esse mundo, emprestando uma frase de Merleau-Ponty (1962: 24), é a pátria de seus pensamentos. Somente porque eles já habitam nela, podem pensar nos pensamentos que fazem.”P.186

“As casas, como observa Suzanne Blier (1987: 2), são organismos vivos. Como as árvores, elas têm histórias de vida, que consistem no desenvolvimento de suas relações com componentes humanos e não humanos de seus ambientes.” P.187

“Construir, então, é um processo que continua continuamente, enquanto as pessoas residem em um ambiente. Não começa aqui, com um plano pré-formado, e termina aí, com um artefato acabado. A 'forma final' é apenas um momento fugaz na vida de qualquer recurso, quando é correspondido a um propósito humano, da mesma forma excluído do fluxo de atividade intencional.” P.188

“Pois é no próprio processo de habitação que construimos.” P.188

g. Ailton Krenak - Ideias para adiar o fim do mundo (Nina A.)

**Resolvi destacar alguns trechos do livro**

***pq sei lá, o jeitinho que ele fala é diferente:***

“[...] o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza.” p.9 (do pdf)

***sustentável para quem? (necessário para quem?)***

“Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade.” p.9 (do pdf)

***ressignificar esses organismos como um só - sistemas como um só.***

“Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios.” p.10 (do pdf)

***mas já não estamos vivendo?***

“Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar? A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos.” p.11 (do pdf)

***perguntas que não querem calar nessa quarentena: quais são os nossos hábitos? quais são as nossas prioridades? para quê fazemos tudo isso?***

“O que é feito de nossos rios, nossas florestas, nossas paisagens? Nós ficamos tão perturbados com o desarranjo regional que vivemos, ficamos tão fora do sério com a falta de perspectiva política, que não conseguimos nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades nas suas ecologias. Para citar o Boaventura de Sousa Santos, a ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade.” p.11 (do pdf)

***tão atual, tão ev.***

“Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.” p.11 (do pdf)

***esse parágrafo é um muro na cara de cada pessoa existente no mundo.***

“Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir

paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos.” p.12 (do pdf)

***bora fazer um paraquedas colorido (não lembro quem disse isso em uma das nossas reuniões, mas o nosso ev pode ser sobre juntar ideias pré-industriais, com os elementos industriais)***

“Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida.” p.13 (do pdf)

***considerar toda a complexidade, contradição e simultaneidade do nosso mundo (e tempo).***

“Se é certo que o desenvolvimento de tecnologias eficazes nos permite viajar de um lugar para outro, que as comodidades tornaram fácil a nossa movimentação pelo planeta, também é certo que essas facilidades são acompanhadas por uma perda de sentido dos nossos deslocamentos.” p.19 (do pdf)

***sobre valorizarmos mais os produtos do que os processos - reavaliar os meios digitais, pq - CHOQUEM - eles não serão a resposta para tudo.***

“A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver — pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres. Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra.” p.20 (do pdf)

***outro muro.***

“Tomara que estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação, e nos deem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos, assim como às formas de sociabilidade e de organização de que uma grande parte dessa comunidade humana está excluída, que em última instância

gastam toda a força da Terra para suprir a sua demanda de mercadorias, segurança e consumo.” p.20 (do pdf)

### **adoro o jeitinho passivo agressivo dele**

“Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades.” p.21(do pdf)

**um pouco de soco um pouco de abraço.**

“Na verdade, a gente vive reclamando, mas essa coisa foi encomendada, chegou embrulhada e com o aviso: “Depois de abrir, não tem troca”. Há duzentos, trezentos anos ansiaram por esse mundo. Um monte de gente decepcionada, pensando: “Mas é esse mundo que deixaram para a gente?”. Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras? O.k., você vive falando de outro mundo, mas já perguntou para as gerações futuras se o mundo que você está deixando é o que elas querem? A maioria de nós não vai estar aqui quando a encomenda chegar. Quem vai receber são os nossos netos, bisnetos, no máximo nossos filhos já idosos. Se cada um de nós pensa um mundo, serão trilhões de mundos, e as entregas vão ser feitas em vários locais. Que mundo e que serviço de delivery você está pedindo? Há algo de insano quando nos reunimos para repudiar esse mundo que recebemos agorinha, no pacote encomendado pelos nossos antecessores; há algo de pirraça nossa sugerindo que, se fosse a gente, teríamos feito muito melhor.” p.28 (do pdf)

### **que estado de mundo estamos empacotando para as próximas gerações?**

“Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser.” p.28 (do pdf)

### **volta a ideia de um organismo, um sistema integrado.**

“Assim como nós estamos hoje vivendo o desastre do nosso tempo, ao qual algumas seletas pessoas chamam Antropoceno. A grande maioria está chamando de caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações, e estamos todos jogados nesse abismo.” p.29 (do pdf)

### **é assim q termina o livro, gente... pois é, dói, né?**

- h. Eduardo Viveiros de Castro - Desenvolvimento econômico e reenvolvimento cosmopolítico da necessidade extensiva a suficiência (Luísa)

“ [...] “natureza” designa o limite absoluto da história. Esta é a paisagem de nossa época: o planeta, da estratosfera ao mais profundo subsolo, está saturado do humano, de seus signos-sintomas como de seus produtos-dejetos; a cultura se tornou coextensiva à natureza, ecologia e antropologia convergiram para um foco único. Discurso do fechamento da fronteira mundial, o ambientalismo impõe uma revisão drástica dos paradigmas do progresso e do desenvolvimento indefinidos, que continuam guiando nossas formas

econômicas e projetos ideológicos. Nossa concepção linear e cumulativa de história — congenitamente cega à estrutura, às regulações sistêmicas, às causalidades circulares — demorou demais a acordar para a constatação de que a miséria, a fome e a injustiça não são o fruto do caráter ainda parcial, incompleto, da marcha do progresso, mas seus “sub-produtos” necessários, que aumentam à medida que tal marcha prossegue na mesma direção. (Quanto mais se aumenta a “produção de alimentos”, mais gente passa fome na Terra.) O terceiro mundo já é, porque sempre foi, parte do primeiro mundo, e está em toda parte. Atravessamos o século XX com a cabeça do século XIX; o choque do futuro promete ser duro para todos.” P. 4

“Amazônia jamais foi um vazio humano antes da invasão européia; ao contrário, seu nadir demográfico foi alcançado após a invasão, em resultado das epidemias, dos massacres metódicos, dos descimentos forçados das populações nativas para fixação em missões e feitorias, e outras externalidades do Destino Manifesto do Ocidente. Antes disso, as populações indígenas haviam encontrado, ao longo de milênios de co-adaptação com o ecossistema amazônico (ou ecossistemas, pois a Amazônia não é uma só, mas muitas), **soluções de “sustentabilidade” incomparavelmente superiores aos métodos modernos e estúpidos de desmatamento com correntões, tratores, motosserras e desfolhantes, cujo objetivo é sempre o de criar um espaço estriável, um ente agrônomo abstrato, próprio para a criação de gado ou a produção de vegetais agroindustriais, ambos, gado e monoculturas, absolutamente dependentes de insumos sintéticos (hormônios e antibióticos, fertilizantes e agrotóxicos).**” P.5

“A maioria das espécies úteis da Amazônia proliferou diferencialmente em função das técnicas indígenas de aproveitamento do território e de seus recursos: aquilo que tiramos da floresta antes de tirar a floresta — a castanha, o açaí, a pupunha, o cacau, o babaçu — foi posto lá pelos índios, foi naturalizado por eles. A floresta, enfim, não é virgem. Mas note bem, Ministro, do fato da floresta não ser mais virgem não se segue que seja legítimo estuprá-la. (Os paralelos são simples de se imaginar, suponho.)” P.5

“Um novo modelo de desenvolvimento, como tem sido reiteradamente pregado para o Brasil, um que não seja a imitação simplória das receitas norte-européias, **precisa ser um modelo que ponha a floresta no centro da equação — pois chegou-se a um momento da história do planeta onde a vida é o valor em crise** — a vida humana e não-humana. Não é mais possível fazer política sem levar em consideração o quadro último em que toda política real é feita, o quadro da imanência terrestre.” P.6

“O ministro Mangabeira Unger falou, em outra entrevista recente, que o destino do homem é ser “grande, divino; não é ser uma criança aprisionada em um paraíso verde”; e que “todas as pessoas são espíritos que desejam transcender”. [...] As culturas indígenas não estão fundadas no princípio de que a essência do ser humano é o desejo e a necessidade, a falta e a ânsia. Seu modo de vida, seu “sistema” de vida, no sentido mais radical possível, é outro. Os índios são os senhores da imanência: o que nós não podemos senão pensar, eles vivem. E o que eles pensam, nós não somos mais capazes sequer de imaginar. Que transcendência exatamente temos nós, os orgulhosos neo-brasileiros, supostos representantes da Razão e da Modernidade, a oferecer a eles? **É mais fácil os índios virem nos libertarem que nós irmos libertar a eles.** Pelo menos em espírito. Transcenda sua ânsia de transcendência, Ministro.” P.6

“O Brasil hoje se embala em grandiosos sonhos de crescimento. Na contramão do milenarismo disseminado no país — “chegou a nossa vez!” (a vez de quê, exatamente? de exploramos algum país mais pobre que o nosso?) —, estou convicto de que é urgente, não “parar para pensar”, mas pensar para não parar; é urgente começar a pensar bem para não parar de vez. É preciso aprender a decrescer para não morrer. O Brasil é grande, mas o mundo é pequeno. A Terra não vai nada bem, neste começo de século. **Há hoje uma insustentabilidade aguda dos padrões globais de geração, distribuição e consumo da energia necessária à vida humana.** Nosso país é um dos poucos que ainda têm viabilidade do ponto de vista de sua base de recursos. O Brasil ostenta uma das populações histórica e culturalmente mais diversificadas do mundo.” P.7

“Sociodiversidade e biodiversidade deveriam ser nossos principais trunfos em um mundo em acelerado processo de globalização. Mas eis-nos aqui, ainda e sempre, teimando em serrar o galho em que estamos sentados, com uma política de comércio exterior que vem aplicando um modelo de desenvolvimento ambientalmente suicida, economicamente retrógrado, socialmente empobrecedor e culturalmente alienante. [...] Devastamos mais da metade de nosso país acreditando que era preciso deixar a natureza para entrar na história; pois eis agora que esta última, com sua costumeira predileção pela ironia, exige-nos como passaporte justamente a natureza.” P.7

“A diversidade humana, social ou cultural, é uma manifestação da diversidade ambiental, ou natural – é a ela que nos constitui como uma forma singular da vida, nosso modo próprio de interiorizar a diversidade “externa” (ambiental) e assim reproduzi-la. Por isso a presente crise ambiental é, para os humanos, imediatamente também crise cultural, crise de diversidade, ameaça à vida humana.” P.8

**“Neste começo crepuscular do presente século, passamos a saber que, além de mortais, “nós, civilizações”, somos mortíferas, e mortíferas não apenas para nós, mas para um número incalculável de espécies vivas.”** P.8

“O que chamamos ambiente é uma sociedade de sociedades, como o que chamamos sociedade é um ambiente de ambientes. O que é “ambiente” para uma dada sociedade será “sociedade” para um outro ambiente, e assim por diante. Ecologia é sociologia, e reciprocamente. Como dizia o grande sociólogo Gabriel Tarde, “toda coisa é uma sociedade, todo fenômeno é um fato social”. Toda diversidade é ao mesmo tempo um fato social e um fato ambiental; impossível separá-los sem que não nos despenhemos no abismo assim aberto, ao destruímos nossas próprias condições de existência.” P.8

“É verdade que a morte de uns é a vida de outros e que, neste sentido, as diferenças que formam a condição irreduzível do mundo jamais se anulam realmente, apenas mudam de lugar (o “princípio de conservação da energia”). Mas nem todo lugar é igualmente bom para nós, humanos. Nem todo lugar tem o mesmo valor. (Ecologia é isso: avaliação do lugar).” P.8

“A diversidade socioambiental é o que se quer produzir, promover, favorecer. Não é uma questão de preservação, mas de perseverança. Não é um problema de controle ou de progresso tecnológico, mas de auto-determinação política. É um problema, em suma, de mudar de vida, porque em outro e muito mais grave sentido, vida, só há uma. **Mudar de**

**vida – mudar de modo de vida; mudar de “sistema”. O capitalismo é um sistema político-religioso cujo princípio consiste em tirar das pessoas o que elas têm e fazê-las desejar o que não têm, sempre. Outro nome desse princípio é “desenvolvimento econômico”.**” P.8

“A noção tão louvada de “desenvolvimento sustentável” — não se pode negar as boas intenções de quase todos que a formularam e defendem — é, no fundo, apenas um modo de tornar sustentável a noção de desenvolvimento, a qual já deveria ter ido para a usina de reciclagem das idéias. Ela é uma contradição em termos. **Não existe desenvolvimento capitalista sustentável**; e, salvo engano, a imensa maioria dos defensores do desenvolvimento sustentável não imagina uma alternativa ao capitalismo.” P. 9

**“Contra o mundo do “tudo é necessário, nada é suficiente”, e a favor de um mundo onde “muito pouco é necessário, quase tudo é suficiente”.** Quem sabe assim tenhamos um mundo a deixar para nossos filhos.” P.10

- i. Marisol de la Cadena - Natureza incomum, histórias do antropo-cego (Beatriz)

#### Um Preâmbulo

No dia 9 de abril de 2009, vários grupos indígenas amazônicos tomaram controle de uma rodovia no norte do Peru em uma região conhecida como “La Curva del Diablo”. O conflito conhecido como *el Baguazo* lutava contra a decisão do governo de ceder território da população indígena para exploração de petróleo corporativa desrespeitando o acordo 169 da OIT [Organização Internacional do Trabalho]. O evento saiu do controle e resultou em mais de trinta mortes de índios AwajunWampi e policiais. Duas semanas depois, sob pressão, o governo anulou o decreto e o Estado local ordenou a prisão de líderes indígenas por taxas de homicídio, dentre eles Santiago Manuín.

O antropólogo Shane Greene sugere “que há mais em jogo do que simplesmente uma defesa de território, um protesto contra a expansão capitalista ou uma preocupação com o destino do meio ambiente. O que também está em jogo é um modo de vida distinto”.

Relação de pessoas e o território estarem juntos complica o conflito porque passa a negar os termos de existência AwajunWampi. O conflito é ontológico. Os conceitos *dissenso* (Jaques Rancière) e *equivoco* (Viveiros de Castro) são aplicáveis à situação.

*dissenso*: pode ter a aparência de um equivoco. É “o conflito entre alguém que diz branco e outro que também diz branco, mas não entende o mesmo por isso”. O mal-entendido que provoca o *dissenso*.

*equivoco*: este pode ser discernido (ou controlado, como diz Viveiros de Castro), ele também é uma condição inevitável que não pode ser alterada. Em vez disso, o *dissenso* coloca indivíduos socialmente desiguais em uma disputa para serem os mesmos (ou socialmente equivalente).

### Política Impossível, Guerra Silenciosa e o “Antropo-Cego”

Pensando em território como equívoco, os pronunciamentos de Manuín - e o julgamento do qual emergem - também refletiram um dissenso de natureza ontológica. Assim, o equívoco também seria uma disputa política agravada pela condição de sua impossibilidade, pois nem o Estado nem a lei são capazes - e muito menos equipados - para reconhecer o equívoco ou a disputa política em torno dela. Chamo essa condição de antropo-cego.

No âmbito acadêmico, Antropoceno faz referência à era em que os humanos se tornaram uma força geológica capaz de destruição planetária. De modo complexo, o antropo-cego inclui tanto o antropos “que anda ereto”, incorporando a vontade auto concedida de transformar o mundo naquilo que ele ou ela conhecem, e o antropos desobediente, é não apenas humano.

Em vez de ser travada através da política, a guerra moderna pode ser um mecanismo contra a demanda por políticas colocadas por esses coletivos contra os quais a guerra desenrola (Foucault mais uma vez: “o papel do poder político é usar perpetuamente uma espécie de guerra silenciosa para reinscrever essa relação de força e integrá-la nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem e até mesmo nos corpos de indivíduos”).

### O Extrativismo ou o Fim da Guerra Silenciosa (e do Antro-Cego)

O extrativismo por mais que possa trazer preocupações ecológicas imensas, tornou-se um componente central das estratégias econômicas de todos os governos da região, esquerda e direita e sem exceção. Apropriação por meio da poluição também mata os humanos que o antropos não se importa em ver - e que, portanto, não importam, às vezes, as amputações ecológicas, incluindo as mortes humanas, consideradas “geográficas do sacrifício” necessárias, para adotar a frase de Valerie Kuletz e adaptá-la ao ethos do extrativismo de acordo com as formas de vida que continuam a existir nos espaços de que obtêm recursos, descartáveis porque deveriam ter desaparecido há muito tempo.

Existe o desafio ao monopólio do Estado e das corporações: criar, habitar, definir a natureza. “Curva del Diablo” é emblemático do fim da guerra silenciosa: aqueles que se opõem à transformação da natureza universal em recursos se opõe à possibilidade do bem comum como missão do Estado-nação e, assim, são inimigos do Estado, merecendo no mínimo ser presos.

### Histórias do Antropo-Cego

Os conceitos fazem seu trabalho em uma ecologia. Eles agem junto com os conceitos dos quais estão acompanhados - e quando Máxima pratica sua recusa de sair, “propriedade” pode emergir como um conceito múltiplo, pois ela passa de tornar-se com a “terra” para se defender legalmente em relação à tentativa da corporação de expulsá-la. “Tornar-se com a terra” excede a noção legal de propriedade e emerge no seu limite.

### Um Fim Esperançoso: Uma Natureza Incomum ou um Comum Divergente

Defendendo-se da destruição atual, os coletivos que excedam as divisões entre “humano” e “não humano” tornaram-se visíveis manifestando seu excesso: sua materialidade não é apenas a materialidade do antropos moderno. A resistência à guerra do antropo-cego irrompe no público, afirmando o seu ser e oferecer benevolmente por meio da cultura.

j. Bruno Latour - We don't live on the same planet - a fictional planetarium  
(Beatriz)

Planet Globalization:

- utopian or dystopian ideal until the end of the 20th century.
- there is no correspondence whatsoever between the shape of nation states in legal sense and the widely distributed sources of the wealth its citizens benefit from.
- ...that to which the whole world should have progressed into.
- the promised land for everything universal ends up in a cramped space, with no people able to truly say "This is where I belong".
- has felt the gravitational pull of another planet.

Planet Anthropocene:

- this is planet globalization but reacting to human enterprises - no longer a frame, or a stage, but a powerful actor with its own agency and its own tempo, and at a scale that is comparable in size and weight to that of the human technosphere.
- ...an agent with its own force and power that requests to be integrated, in some way, into the political domain. Facing Gaia is altogether a different adventure than facing nature.
- ...the term was immediately criticized by social scientists for its insensitivity to the complex history of human societies.

Planet Exit:

- this is the first of the dark planets.
- Considering that it is barely thinkable to imagine any harmony between the resources necessary for sustenance and the unfettered exercise of freedom, some have concluded that the two main assumptions of modernism should be abandoned together: freedom is for the few, not for the many; breaking from the limits of the nature is the essential destiny of those few only. Hence the name EXIT.
- ...accelerate the break away from earthly conditions.
- Technology is transcendence.

Planet Security:

- another dark planet.
- the biggest planet.
- retains at least one element of the former civilizing project - projection and identity.
- receives migration naturally.
- ...could it solve the problem of the superposition between sustenance, territory, and freedom?
- its attraction appears to be overwhelming.

Planet Modernity:

- ...its gravitational pull has been decreasing and might be hard to feel any longer.
- it could be said that this is the same planet as globalization but this would be to confuse the earth of before and after the main event.
- ...the slightly weakened, outdated, backward version of globalization.

#### Planet Terrestrial:

- ...seems to be where all progressive political movements are heading, and yet that which is terribly difficult to define.
- This planet seems to offer a solution to the homelessness detected as the source of our general disorientation.
- might present a solution to the great anthropocene quarrel: you cannot insert into politics just any sort of natural entity without transforming the search for freedom and autonomy into the simple domination of necessity and heteronomy.

#### Planet Vindication:

- Terrestrial is pulled toward the gravitational field of vindication.
- ...it has never been allowed to be freed from the retrospective judgement of five of the other planets.
- ...there is an existent archaic attachment to the soil, to the ground.
- ...the many societies of humans and nonhumans that are active on the earth are allowed to stop having to define themselves by comparison with modernity, or to be taken only as having rich "symbolic" views of nature.

#### Conclusion:

Architects and designers may now understand that one qualification should be added to the project of designing for the planet - the question, "for which planet?"